

CINEMA NEGRO: ESTÉTICAS VISUAIS NA CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES SINGULARES

BÁRBARA CEZANO¹; LARISSA PATRON²

¹*Universidade Federal de Pelotas – barbarac.rody@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Parte ativa de nossa realidade, o cinema está constantemente reproduzindo e/ou questionando valores, dando vida a mitos, histórias reais e fictícias causando influência nas percepções das pessoas e como elas interagem. Este trabalho tem como objetivo investigar como o cinema negro brasileiro se empodera da estética visual cinematográfica atraindo a identificação da comunidade negra com suas narrativas, ressignificando a utilização da imagem dessa comunidade provocando apartir de subjetividades singulares reflexões sobre arquétipos tradicionalmente pensados, como também ampliam os papéis que negras e negros na realização do fazer cinema.

O cinema se da na translação de um dado objeto por uma dada duração, ocorrendo à imagem-movimento em que se dá na transformação de captar instantes quaisquer, sequenciando-os de forma a sempre estarem se recriando, ou seja, “a descrição de uma figura que está sempre sendo feita ou desfeita, através do movimento de linhas e de pontos tomados em momentos quaisquer do seu trajeto” (DELEUZE, 1983, p. 12). Exprimem imagens em constante transformação temporal e a própria arte se reinventa ao longo do tempo, tendo como limite apenas o quadro da tela, que ao ser dividido, pode ser redividida infinitamente, logo, sem limites em sua profundidade.

Um dos rizomas gerado por esta arte é o Cinema Negro, “um projeto em construção no Brasil” (OLIVEIRA, 2016). Mais do que apresentar o negro na tela, é trazer o olhar do negro, não apenas sobre si e sua comunidade, mas também por qualquer tema de seu interesse ou simplesmente como forma expressão artística, propostas já apresentadas no movimento Dogma Feijoada (DE, 2005).

Este trabalho faz parte de meu projeto de mestrado, que tem o intuito de ampliar as formas de visibilidade das produções cinematográficas negras brasileiras, visto que são poucas as produções bibliográficas (re)existentes. Deste modo, pretende-se que as discussões decorrentes desta pesquisa participem na formação de conhecimento sobre o gênero de cinema negro.

2. METODOLOGIA

O projeto será construído alicerçado na análise crítica da participação do negro nas produções audiovisuais brasileiras, tomando como bases fundamentadas no surgimento do Cinema Novo, apartir dos anos 1950, quando a imagem negra deixa de ser utilizada apenas em segundo plano. Entretanto, passa a ser evidenciado, infelizmente de forma estereotipada, muitas vezes resumindo-o nas esferas das religiões de matriz africana, da escravidão, da favela, da bandidagem e do samba, entre outros arquétipos raciais (DE, 2005; RODRIGUES, 2011). Articulando alguns dos conceitos que deram origem ao Dogma Feijoada, Jeferson De (2005) aponta alguns filmes que reforçam esses

estereótipos dentro do cinema brasileiro. Para melhor visualização desse processo foi produzida uma montagem com recortes dessas cenas, intercaladas com produções contemporâneas de cineastas negros e remontados novamente, apartir do viés estético do cinema (DEULEUZE, 1983) para identificarmos a reprodução constante dessas imagens como também à produção estética do cinema negro contrapondo produções de subjetividades hegemônicas de cinema brasileiro.

A construção do ser negro dentro do cinema brasileiro, involuntariamente (ou não) em nossa cinematografia nacional contribuiu para reforçar estereótipos apropriados pela subjetividade capitalística. Modo de controle de subjetivação, no qual a cultura de massa funciona como elemento fundamental para reforçar sistemas de submissão, assegurando uma função hegemônica tanto nos campos de produção como de consumo. Os movimentos negros se empoderam da sétima arte, reformulando a inserção do negro no cinema, seja em sua representação nas personagens como também na produção dos filmes que buscam desenvolver subjetividades singulares, conceito descrito como:

“ ‘processos de singularização’: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzem uma subjetividade singular.” (ROLNIK E GUATTARI, 1986 – p.17)

A pesquisa se volta para produções de singularização para a figura negra e que constroem cinema negro brasileiro contemporâneo, aprofundamento pensado com base na leitura do trabalho da historiadora Janaína Oliveira que trata de reflexões sobre o cinema negro brasileiro e diaspórico a professora Edileuza Penha de Souza com os estudos sobre cinema negro e gênero, e os cineastas e críticos do cinema negro Noel dos Santos Carvalho, Joel Zito Araújo e Thayná Yasmim, buscando dados de movimentos negros de cinematografia, e qual a estética que julgam relevante utilizar para trazem novas visões do ser negro e analisar algumas obras contemporâneas no campo do cinema negro brasileiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reflexão sobre o reconhecimento artístico de tais produções cinematográficas atua na articulação e na mudança das percepções da figura negra brasileira, para além dos estereótipos. Para Janaína Oliveira (2016, p.175), “o cinema é um espaço de construção de narrativas”, sendo também suporte de criação de sentido, como na proposição de Joel Zito Araújo (2016) de que “o cinema é o segmento da sociedade brasileira onde a desigualdade racial é mais profunda”, o que pode ser explicado levando em consideração as produções cinematográficas brasileiras, que em sua maioria, seguem um padrão que é hegemônico da classe média branca, como afirma João Carlos Rodrigues (2001). Isto estimula a subjetividade capitalística vigente, levando a reforçar estereótipos e modelos dominantes, afinal, de acordo com Guattari (1986, p.45), os afrontamentos sociais não se dão apenas pela ordem econômica, “se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência”.

O cinema negro subverte esses valores capitalísticos e produz uma subjetividade singular (GUATTARI, 1986) ao se reapropriar do território do cinema, criando uma cartografia própria na produção de conhecimento a partir de uma estética ativista

adotada por alguns cineastas negros, como Joel Zito Araújo, cineasta que produziu o filme Raça (2013), também um dos percussores do Manifesto Recife e a Yasmim Thayná, jovem cineasta que produziu o filme Kbela (2016) e diretora do Afroflix.

4. CONCLUSÕES

Enquanto projeto de pesquisa se encontra em fase inicial, e um vasto campo cinematográfico enegrecido pode ser vislumbrado deste ponto de partida. Mas também ao “olhar para trás” percebo a bagagem de outros pesquisadores ao buscar evidenciar as produções cinematográficas famintas por novas subjetividades, deslocando o papel da negra e do negro dentro do cinema, seja encenando, filmando ou dirigindo.

O modo como esses cineastas negros dirigem nosso olhar apartir da estética do cinema ainda pode ser bastante aprofundado para além da esfera política que os pesquisadores citados no projeto se situam. É também possível trabalharmos essas discussões raciais e étnicas dentro do campo da arte contemporânea e da educação estética para que nossa geração de artistas e arte-educadores possam ter mais referências nesses campos e consequentemente tenham maior identificação com os produtores de sentido que os inspiram e/ou utilizam para teorizar suas pesquisas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

De, J. **Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura Fundação Padre Anchieta, 2005.

DELEUZE, G. **Cinema1 - A imagem-movimento**. Título original: Cinema 1 — L'Image-Mouvement. França: Les Editions de Minuit, 1983.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

Janaína Oliveira – Diálogos Ausentes , 2016 Acessado em 25 de jun de 2018. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y-olqFOjek0>

Joel Zito Araújo – Diálogos Ausentes (2016). Acessado no dia 26 de jun de 2018. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BZ1z6KSeBfU>

RODRIGUES, J.C. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. OLIVEIRA. J. Kbela e Cinzas: o cinema negro no feminino do “Dogma Feijoada” aos dias de hoje. In FLAUZINA, A. e PIRES, T. (org.). **Encrespando** - Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes (ONU, 2015-2024) - Brasília: Brado Negro, 2016. Parte II, cap. 5, p. 175-199.

Yasmin Thayná – Diálogos Ausentes (2016). Acessado no dia 26 de jun de 2018. OnlineDisponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SBD6P3sDdA>